

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo*. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

O trabalho de Maria Clementina revela uma interessante trajetória percorrida na abordagem da questão da loucura. O hospício Juquery, a concepção da psiquiatria e prática médica, desde o final do século XIX até a década de 30.

Ao realizá-lo, a autora demonstrou extrema coragem em “atravessar o espelho”, reflexo de tempos históricos que criam loucuras e as negam em confinamentos. Ao retornar do outro lado do espelho, reconstituiu a história do hospício não somente como instituição modelar de forma analítica distanciada do culto da psiquiatria nacional. Pelo contrário, Clementina, em sua formulação, evidencia as relações existentes entre os diferentes atores que constituíram e de certa forma ainda constituem, a história do asilo, dando-lhes identidade e, principalmente, explicitando que para compreendê-la foi necessário compreender as transformações urbanas ocorridas, desde o início do século, dado ao desenvolvimento técnico industrial e da aceleração da produção capitalista.

Iniciando em meados do século XIX, enfoca o desenvolvimento das cidades européias, o espaço urbano, o capitalismo como fenômeno social e as novas configurações de classes, determinando novas regras, disciplinas e normatizações sociais. E, é nesta contextualização que – “às margens da sociedade do trabalho, cresce toda uma fauna urbana empenhada em fraudar e resistir às disciplinas, e que logo se torna objeto de saber específico, como de formas de intervenção inicialmente entre a criminologia e o alienismo”, cunhadas nas novas regras surgem as intervenções dos alienistas, da ordem médica mental, da disciplinarização, referendadas e legitimadas pelo saber científico sobre doença e cura, sobre o normal e o patológico.

A criação dos asilos no Brasil revela a grande influência da psiquiatria européia na conduta terapêutica, e na construção dos espaços, avança o reconhecimento público do local da loucura.

* Professora do Departamento de História da FFLCH/USP.

A descrição física do hospício, através de seus equipamentos – banheiras de choque, camisa de força, correntes, rotundas, etc. denunciavam o quadro terrível a ser desvelado e a ser revelado em seus matizes de forma corajosa. Refletem relações de dominação, exploração e resistência. Num trabalho de garimpagem, através dos prontuários clínicos e sociais dos internos, Clementina reconstituiu o hospício na sua forma cruel, porém tratando de forma digna os pacientes expõe os seus próprios discursos, seus gritos e sussurros, negados por tantos anos pelo saber médico.

Ao reconhecer a linguagem dos pacientes nas suas diferentes formas de expressão, a autora legitimou a história psiquiátrica do Juquery pelo lado dos dominados, que dentro de seus quadros nosológicos, recriaram formas de resistência, conseguindo explicitar de forma primorosa o saber médico e sua relação de poder.

Clementina com sua tese, contribuiu de forma extremamente relevante para a área dos profissionais de saúde, colocando através das determinações históricas o hospício e a conceituação da loucura, como questão política e, como tal necessária de ser trabalhada, em seu âmbito público com a colaboração do saber de diferentes profissionais. A superação da loucura não se dará no confinamento, mas no próprio mundo.

A elaboração de seu trabalho até a década de 1930, para nós se estende até os dias atuais, uma vez que as questões e problemas apresentados, não sofreram alterações significativas em São Paulo, de uma política de saúde pública mental. A denúncia desde os anos 60, de um grande número de trabalhos europeus, sobre uma revisão radical na política de confinamentos, ainda não parece fazer parte de análises e condutas terapêuticas em nosso país. Vale a pena aqui ressaltar, que de forma tênue, no Governo Montoro, ocorreu o início de uma ação revisional através da Coordenadoria de Saúde Mental do Estado, indicando a necessidade de se encaminhar uma política de atendimento à população, assumindo os desafios inerentes ao assunto, tentando avançar em condutas mais humanas e democráticas de estrutura e funcionamento. Esta ação, interrompida pelo atual governo, por não colocar entre suas

prioridades o atendimento em saúde pública – a saúde mental, nos remete a pensar sobre o fato – o Estado de São Paulo mantém uma Secretaria de Estado da Doença, necessitamos gestar de forma rápida uma Secretaria de Estado da Saúde.

*Maria da Penha VASCONCELLOS**

* Professor do Departamento de Psicologia Social da PUC-SP.